

A INCOMPLETUDE NA CONJUGALIDADE ¹

Isabela da Cruz Martins²

RESUMO

Analisa-se o motivo pelo qual as pessoas se frustram em seus relacionamentos ao buscarem no outro o estado de completude, como se este fosse a “metade da laranja”, “a tampa da panela” ou ainda, sua “alma gêmea”. Discute-se o tema, com base na visão sistêmica do conhecimento, e tendo como estratégia de pesquisa a revisão bibliográfica, abordando-se a necessidade da completude a partir do estudo de três vertentes que retornam a momentos em que outrora fomos completos com o outro, sendo estas, a vertente da criação de Eva através da costela de Adão; o da mitologia que cita o *Andrógono* como um ser completo com dois sexos; e o da gestação quando o bebê vive e é suprido pela mãe. Questiona-se como se dá a individualidade na conjugalidade? Por que as pessoas querem viver a conjugalidade e desprezam sua individualidade? Tem-se como objetivo de pesquisa entender o que leva as pessoas a buscarem tal plenitude e as consequências disto, sob o viés da intervenção familiar sistêmica, que, por sua vez, consiste na compreensão do todo (sistema família/sistema indivíduo) a partir de uma análise global das partes e da interação entre estas. Conclui-se que o ciúme e a dedicação total a vida a dois são considerados como certo medo insuportável de perder o parceiro, de retornar ao suposto estado de incompletude.

Palavras-chave: Incompletude conjugal. Conjugalidade. Individualidade conjugal. Relacionamento de casal.

INCOMPLETUDE IN CONJUGALITY

ABSTRACT

The reason why people get frustrated in their relationships is by analyzing the state of completeness, as if it were the “half of the orange,” “the lid of the pot,” or their “soul mate.” The topic is discussed, based on the systemic view of knowledge, and having as a research strategy the bibliographic review, addressing the need for completeness from the study of three strands that return to moments in which we were once complete with the other; being these, the aspect of the creation of Eva through the rib of Adam; the mythology that quotes Androgen as a complete being with two sexes; and that of gestation when the baby lives and is supplied by the mother. How is individuality in conjugality questioned? Why do people want to live conjugality and despise their individuality? The purpose of this research is to understand what leads people to seek such fullness and the consequences of this, under the bias of systemic family intervention, which, in turn, consists of the comprehension of the whole (family / individual system) from of an overall analysis of the parties and of the interaction between them. It is concluded that jealousy and total dedication to life for two are considered as an unbearable fear of losing the partner, of returning to the supposed state of incompleteness.

Keywords: Marital incompleteness. Conjugality. Marital individuality. Couple relationship.

1 TCC- Especialização em Intervenção Familiar Sistêmica do Centro Universitário do Rio Grande do Norte - UNI-RN.

2 Psicóloga clínica. Especialista em Intervenção Familiar Sistêmica - (UNI-RN).

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos muito tem se falado sobre o amor. O amor é uma subjetividade que alcança a todos, seja solteiro ou casado, criança ou idoso, pessoas racionais ou emocionais, no estilo romântico ou frio. Afinal, há quem diga que nunca amou? A arte de amar nos é apresentada desde cedo, pois, assim que nascemos nos deparamos com o amor de uma mãe que tanto esperou pelo encontro com o filho.

Para Erick Fromm (1990, p.71), “O amor não é uma relação com uma pessoa específica; é uma atitude, uma orientação de caráter, que determina a relação de alguém para com o mundo como um todo”. Portanto, o amor não é compreendido como algo direcionado a um ‘objeto’ de amor, tampouco apenas um sentimento, ele é um movimento, por esta razão Georg Simmel (2006), diz que o amor não se explica, se vive, pois ele é algo que está inato, ele é o responsável pela transcendência do ser humano, acrescentando sentido e brilho à vida. Vivemos o amor uma vez que carregamos em nós o afeto, respeito e cuidado com os nossos pais, vizinhos, amigos, animais, bens materiais. O amor é algo que sou, e não algo que faço; ele não é um fazer, pois está na essência e é um estado de ser - uma conexão, uma formação de elos com outros mortais. Uma identificação que simplesmente flui de dentro para fora, independentemente de minhas intenções ou de meu esforço (JOHNSON, 1987).

Principalmente quando jovens, habita dentro de nós uma alma alimentada pela fantasia de que haverá em algum local, seja perto ou longe, um amor a nós destinado, amor este que está sendo preparado para futuramente se unir a nós, que aguarda e deseja o grande encontro mesmo sem saber quem somos.

A disseminação da ideia que o casal forma uma totalidade faz com que o casamento carregue um caráter sagrado, o que pode ser visto nos rituais das cerimônias de casamento, com promessas e juras de amor, cuidados, e de fidelidade eterna, principalmente em determinadas culturas, nas quais esses mitos vão se disseminando, acompanhados da promessa que o amor supera todas as diferenças (CARRASCO, 2003). Essa concepção faz com que adentremos no relacionamento cheio de expectativas, como se neste não pudesse haver divergência alguma, sendo, portanto, esta uma das razões pela qual não conseguimos com sabedoria passar por algumas barreiras comuns em uma relação amorosa de casal.

Prosseguindo, o autor em epígrafe ainda relata que o sentido de plenitude, de realização e recompensa em um relacionamento, vem desde as histórias de fadas, onde o desfecho gira em torno do “[...] e foram felizes para sempre!”, embora a continuidade do conto seja uma incógnita para todos nós. Sabe-se, porém, que na vida real o casamento depende de uma construção diária da relação, pois ele é composto por duas individualidades falhas, como todas as demais relações da vida; além do mais, a vida a dois envolve a todos os familiares e não só o casal em si; é uma conjugação de tempos passados e futuros, hábitos, costumes e culturas individuais que precisam se integrar, mantendo a individualidade.

Tendo como ponto de partida uma visão sistêmica do tema, complementado por uma estratégia de pesquisa bibliográfica, desenvolveremos um artigo de revisão de conjunto, para situar o estado d’arte da *“INCOMPLETUDE NA CONJUGALIDADE”*, tendo como objetivo geral compreender o que leva as pessoas a buscarem tal plenitude e as consequências disto, sob o viés da intervenção familiar sistêmica, que, por sua vez, consiste na compreensão do todo (sistema família/sistema indivíduo) a partir de uma análise global das partes em interação. Como objetivo específico, entender o que leva as pessoas a buscarem a plenitude no outro e as consequências disto, ou seja, analisar como se dá a individualidade na conjugalidade.

2 A BUSCA DA FELICIDADE

Nós humanos, somos seres sociáveis e durante o fluxo da vida, precisamos da convivência com os outros. Jamais seria possível nascer e morrer sem nunca ter convivido com outro ser, pois, a vida está em constante movimento, e dentro desses movimentos estão os relacionamentos.

Relacionamo-nos com nossos vizinhos, familiares, amigos, e temos com estas vivências alegres e angustiantes, pode-se mesmo dizer que criamos nesses relacionamentos alguns legados, mas somente no relacionamento entre um casal podemos gerar o bem mais precioso, uma descendência.

Desde a infância guardamos na memória lembranças e atitudes estimuladas pelos contos de fadas assistido por nós. Aprendemos, então, que a menina formará uma imagem de apoio num outro mais forte para protegê-la, no caso um príncipe (RODRIGUES, M.; LEITE, M., FREITAS, M., 2010), e

que este encontrará sua princesa ideal. Muitas pessoas, em especial mulheres, vivem em busca de um outro que assim como nas lendas, possam desfrutar de uma linda história de amor e viver felizes para sempre.

Para Colette Dowling (1981, p.37), “as mulheres são educadas para se sentirem sempre parte de uma outra pessoa e, quando têm chance de se libertarem, assustam-se e rejeitam a oportunidade”; e segue refletindo que por mais que atualmente as mulheres tenham ganhado mais independência financeira e autonomia, no inconsciente coletivo, estas ainda carregam dentro de si o amor romântico e a busca pelo príncipe encantado, sendo a herança cultural longa e duradoura.

Já Aratangy (2009, p.78) acredita que “o desejo de proteção e segurança é inerente a todo ser humano, não é prerrogativa das mulheres, pois o desamparo e o medo da solidão fazem parte da bagagem de todos nós”, portanto, o complexo de cinderela também está ligado aos homens, pois estes também vêm nos contos de fada que os príncipes sempre encontram suas princesas, então, assim como as mulheres, esperam encontrar essa “metade da laranja”, “tampa da panela”, ou ainda “alma gêmea”. Prosseguindo, Aratangy fala ainda que “não há condição de independência ou sucesso profissional que desmintam o fato de que precisamos todos, homens e mulheres, sentir-nos amados, acolhidos e protegidos”. Porém, há uma linha muito tênue entre o querer sentir-se amado, acolhido e protegido de forma equilibrada e o querer tudo isso para sentir-se totalmente completo, colocando no outro a responsabilidade ilusória de suprir toda necessidade. Mattos (2014) fala que as pessoas possuem dentro de si uma esperança de que o outro possa complementar plenamente toda falta, anseio ou lacuna, como se na vida houvesse a possibilidade de juntamente com o outro existir um encaixe perfeito.

Vale ressaltar que muitos procuram uma pessoa que o complete a partir das competências pessoais deste outro, no intuito de compensar suas inabilidades (MATTOS, 2014); pode-se mesmo dizer que a atração entre parceiros se dá pelo que os diferencia, por aquilo que o par tem que o outro gostaria de ter (ARATANGY, 2009). Por esta razão, muito se vê em filmes americanos, como por exemplo, no filme “Ela é demais”; no qual fala sobre a formação surpreendente e imprevisível de um casal em que a garotinha *nerd* faz par com o garoto popular, e estes se dão muito bem, pois um encontra no outro aquilo que não possui como característica. Aratangy (2009,

p.106), comenta ainda que “apaixonar-se por alguém diferente pode ser um bom caminho para viver lados menos desenvolvidos da personalidade”.

Portanto, ao buscarmos nossa felicidade no outro, baseamos a procura naquilo que queremos que nosso parceiro tenha como característica física ou de personalidade. Segundo Max Weber (1974), existe um tipo ideal que criamos para determinadas análises que fazemos das coisas ou pessoas. Tal tipo ideal é uma construção teórica, um modelo abstrato e individual, que nos serve como parâmetro comparativo, pois através dele observamos certos aspectos do mundo real de forma mais clara. O autor ainda fala que o tipo ideal não se refere à realidade como um todo, pois é apenas um recorte dela, um modelo dentre vários outros elementos.

Sendo assim, o tipo ideal irá nos orientar quanto ao garoto (a) ideal, pois, a partir das características desejáveis e estabelecidas por nós, iremos eliminar ou considerar alguns possíveis parceiros. Sendo assim, o tipo ideal funciona como um guia diante da variedade de fenômenos existentes.

3 INCOMPLETUDE X COMPLETUDE

Vivemos em busca de uma suposta completude que nos possibilite sentir-nos inteiros. Buscamos tal completude ao gastarmos nosso dinheiro fazendo compras, ao nos movermos para saciar nossos desejos, mas, sobretudo, ao buscarmos o parceiro “ideal”.

Se nos sentimos incompletos é por que outrora fomos completos. Compreende-se que tal completude pode ser identificada em três momentos diferentes da história do homem. Sendo estes momentos:

- A) *o da criação do homem;*
- B) *o do mito da alma gêmea;*
- C) *e o da simbiose mãe-bebê.*

► A) A criação do Homem

O livro de Gênesis diz “formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente. Plantou o Senhor um jardim no Éden, do lado oriental; e pôs ali o homem que tinha formado” (2.7-8).

Deus primeiramente fez a Adão, do solo. Vendo então, a necessidade em criar um ser que pudesse auxiliar o homem. “E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora idônea para ele” (Gn 2.18).

Ainda no livro de Gênesis 2.19-20, Deus formou animais do campo, animais que voam e os levou a Adão, que por sua vez os nomeou, porém, diante de tanta criação ainda não se achava ajudadora idônea para o homem. Portanto, Deus na sua grandeza, bondade e criatividade, criou a mulher da seguinte forma:

Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu; e tomou uma das suas costelas, e cerrou a carne em seu lugar; E da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher, e trouxe-a a Adão. E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne; esta será chamada mulher, porquanto do homem foi tomada. Portanto deixará o homem o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne. E ambos estavam nus, o homem e a sua mulher; e não se envergonhavam (Gn 2.21-25).

Deus criou Eva durante um profundo repouso de Adão. O Criador foi o primeiro feitor de uma cirurgia na história humana, pois Eva, como relata a passagem acima, foi criada através da costela de Adão. Portanto, tal criação do feminino tem origem no osso de um homem. Onde outrora este osso esteve na costela de Adão, mas agora se fez vida, vida nova.

O significado que há por trás da criação da mulher ter sido através da costela, se dá no sentido de que a costela, biologicamente falando, tem a função de proteger os órgãos vitais, como por exemplo, o coração e os pulmões. Ela se liga a coluna vertebral, e a medula óssea, que por sua vez, é a produtora de sangue. Com isso, entende-se que sangue representa vida, portanto, Eva complementava a vida de Adão. Ela era seu sangue, sua carne, sua necessidade vital. Ela, sendo costela, teria a função amorosa de envolver/abraçar o viver e o respirar de Adão, ou seja, o coração e o pulmão.

O livro de Efésios 5.23-31 relata que a mulher é carne da carne do homem:

Assim devem os maridos amar as suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos. Quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo. Porque nunca ninguém odiou a sua própria carne; antes a alimenta e sustenta, como também o Senhor à igreja; Porque somos membros do seu corpo, da sua carne, e dos seus ossos. Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe, e se unirá a sua mulher; e serão dois numa carne. Grande é este mistério; digo-o, porém, a respeito de Cristo e da igreja.

Com base nessas passagens bíblicas ressaltando a dependência do corpo da mulher ao corpo do homem, as igrejas como um todo, e as demais instituições sociais, foram ao longo dos tempos, tentando incutir a subordinação da mulher ao homem enquanto casal, ao qual lhe deve obediência, ao lado do que também precisa deste para ser completa; que a autoridade, “a cabeça” do casal está com o homem, e assim foram se formando as leis e os costumes sociais, a conformação das famílias, em especial os regimes patriarcais, como pensa Freyre (1987) ao descrever a família patriarcal colonial brasileira como uma família extensa, chefiada por um patriarca, o homem da casa, detentor de poder sobre esposa, filhos, agregados e escravos, reforçando essa dependência. Por sua vez, a Bíblia relata que ao casarem – ou seja, ao consumirem o ato sexual, o homem e a mulher, perante o Senhor, se tornam um só, pois seus corpos se unem retornando para a condição de um só ser.

► B) O mito da alma gêmea

A mitologia surge a partir da curiosidade e necessidade que os gregos tinham de explicar a origem da vida e os problemas da existência. Portanto, os mitos são tentativas de reflexão que busca explicar os fenômenos da natureza e experiências comuns ao gênero humano de maneira simbólica, ou seja, são histórias originadas da alma coletiva dos seres humanos, o que por sua vez, muito se difere de uma mentira ou de um conto de fadas. Segundo Novaski (1988, p. 93), “para a razão, o mito, na acepção que aqui adotamos, não é ficção, engano, e falsidade; é, isto sim, um modo de falar, ver e sentir dimensões da realidade inatingíveis racionalmente, dando-lhes significado e consistência”.

Jean Cirillo (2014), afirma que as garotas são envolvidas pelos filmes de Hollywood que assistem, pelos contos de fada contados antes de dormir,

pelas conversas das pessoas de que existe alguém direcionado para nós, como diz o termo “feitos um para o outro”. Essas são experiências que alimentam ainda mais o desejo existente de achar nossa alma gêmea. Por isso que ao irmos a um encontro simplesmente esperamos o êxtase, esperamos o sentimento de prazer e que aquela seja a pessoa ideal, que seja de fato a pessoa que carrega consigo todas as características que desejamos em um par, ou seja, como vimos na teoria de Max Weber, que vá de encontro com o tipo ideal estabelecido e construído por nós. Tanto é que qualquer mínimo detalhe que confere ao tipo ideal – seja uma semelhança de gosto ao escolher a comida no cardápio, por exemplo -, já pensamos ser um sinal, uma confirmação divina; e ao contrário, se a situação se inclina para direita ou para esquerda, indo contra o tipo ideal, nos faz pensar “será mesmo que é nele que devo investir?”, isso ocorre porque não admitimos que nossa alma gêmea tenha algo desconforme, pois buscamos a sensação de completude.

O mito da alma gêmea é criado pelo filósofo grego Platão (428-348 ou 427-347 a.C.), em sua obra O Banquete, na qual ele reproduz o relato sobre o ser Andrógino, feito pelo mais famoso comediógrafo grego Aristófanes (450-388 a.C.). No relato (PLATÃO, 1991), Aristófanes afirma que no início dos tempos os homens eram dotados de duas cabeças, quatro braços e quatro pernas, eram seres completos, esféricos, vigorosos e fortes, nomeados de Andrógino – do grego *andros* que significa homem viril, aquele que fecunda, o macho; e *gynos*, mulher, fêmea. Por dar luz a si próprio, este ser era considerado quase perfeito, completo e fecundo, ele bastava-se a si mesmo.

O andrógino, por ser dois em um (homem e mulher), com duas cabeças e quatro membros (perna e braço), era um ser bem desenvolvido, que possuía um movimento muito rápido para se deslocar; achava-se autosuficiente e, por isso, decidiu subir aos céus e lutar contra os deuses a fim de destroná-los para ocupar seus lugares. Porém, a batalha foi vencida pelos deuses, e Zeus, chefe de todos os deuses, irado com a atitude dos andróginos resolve puni-los pela rebeldia, partindo-os ao meio com uma espada. Por esta razão, o ser dividido e caído em desespero saiu à busca da sua metade, sem a qual não suportaria viver (PLATÃO, 1991).

Por esta razão nós, humanos, divididos pela espada de Zeus, fomos desde os primórdios condenados a buscar nossa outra metade ao sentirmos que há algo em nós que está em falta, causando um vazio. Um dia fomos

inteiros, um ser pleno e completo, mas com o corte tornamo-nos algo novo, saudosos desse ser. A saudade de uma parte de nós que um dia foi perdida e que por isso nos traz angústia.

Diante disso, vivemos a procura do afeto e do abraço ideal, a fim de sentirmos outra vez, mesmo que por um curto espaço de tempo, a sensação da plenitude que tivemos um dia, pois, nossa alma jamais se sentirá inteiramente saciada, visto que o nosso anseio nunca chegará a ser completamente satisfeito. Com isso, de uma breve recordação da união perfeita renasce a saudade, saudade da completude. Retomando Aratangy (2009, p.32), ainda hoje refletimos a dor do corte de Zeus, visto que continuamos a incessante busca:

A ideia sobrevive até nossos dias, praticamente sem transformações: continuamos a acreditar que existe um outro que nos completa, sem o qual permanecemos como inválidos, incapazes de dar conta de nossa fragilidade. Assim ainda consideramos que o parceiro ideal é a metade que compensa e corrige nossa humana imperfeição. A “cara-metade” (ou seja, a querida metade que me falta) ou a “outra metade da minha laranja” são expressões que refletem a função do parceiro como o encaixe perfeito que completa e equilibra o conjunto, e lhe dá forma.

► C) Simbiose

Certamente para estarmos onde estamos, absolutamente todos nós passamos por um mesmo local: o útero. Há uma representação muito singela desse momento único de abrigo e aconchego na barriga da mãe. Fromm (1990) relata que esta relação entre a mãe grávida e o feto é denominada de união simbiótica, na qual ambos “vivem” juntos, representando dois em um, pois, compartilham do mesmo respirar, do mesmo sangue. O feto é de certo modo parte da mãe, esta, por sua vez, é literalmente o seu mundo, ela é quem o protege e alimenta. Gikovate (2006, 11), diz que a simbiose é “a mais primitiva e singela manifestação do complexo fenômeno amoroso: uma sensação de completude que deriva de um estado vivenciado como fusão com outro ser humano”.

A busca incansável desse amor que acolhe, protege, abriga e completa se dá, segundo Aratangy (2009), por conta do sentimento de solidão e

desamparo resultantes do corte do cordão umbilical, que demarca as fronteiras e os limites do eu, nos tornando eternos rastreadores do aconchego perdido. Antes éramos supridos pela mãe, mas ao nascermos e nos separarmos da mãe, sentimo-nos ameaçados, pois dela precisamos e dependemos, com isso, buscamos através da aproximação física da mãe consolar a dor da ruptura, da incompletude (GIKOVATE, 2006). Por isso é tão confortável e agradável estar no colo da mãe, pois nela, ou melhor, dentro dela, encontramos nosso porto seguro. Estar nesse colo que ampara é como se voltássemos para o lugar do qual viemos.

Abordando essa relação simbiótica, reafirma-se que “o amor é uma lembrança, uma reminiscência de completude de que o umbigo dá testemunho” (ARANTANGY, 2009, p.21), ou seja, o umbigo é a marca que carregamos como confirmação de uma união extrema. Portanto, toda relação amorosa é espelhada na dessa união, pois, assim como vimos na simbiose, Fromm (1990, p.43) diz que “no amor, ocorre o paradoxo de que dois seres sejam um e, contudo, permaneçam dois”, sendo reafirmado por Gikovate (2006), que o fenômeno amoroso tem relação com a simbiose, que a palavra “amor” tenha se originado desse sentimento que relaciona mãe e filho.

Na sequência, Gikovate (2008), em sua obra *Uma história de amor com final feliz*, relata que nosso primeiro registro cerebral é a sensação de completude vivenciada dentro do ventre de nossas mães, e que isto de certa forma é bastante problemático para nós, uma vez que o teremos sempre como parâmetro comparativo em nossos futuros relacionamentos, porém estes nunca alcançaram tal sensação de forma constante e completa.

A experiência da simbiose nos condena a procurarmos no outro esse lugar de proteção que fora perdido, mas, em contrapartida, por conta desta experiência carregamos uma resistência no que diz respeito a entrega amorosa, pois temos medo do apego ser seguido por uma nova perda (ARANTANGY, 2009), ao mesmo tempo que queremos nos sentir completos novamente, temos o receio de haver uma ruptura que quebre tudo o que reconstruímos; por isso algumas pessoas optam por nem se relacionar, já outras não desistem da busca da completude, mesmo que haja constantes rupturas e divisões, pois não suportam o fato de estarem “pela metade”.

A sensação de que somos uma parte e não o todo, sempre existirá dentro de nós, pois quando éramos bebê dependíamos da nossa mãe e não

nos víamos ainda como indivíduos formados (GIKOVATE, 2008), porém mesmo que crescamos e nasçamos psicologicamente, ou seja, ganhemos autonomia e entendimento de quem somos, ainda assim existirá a necessidade e sensação de refazer a simbiose para que nos sintamos completos, pois quando estamos entretidos com nossas ocupações ficamos bem conosco, mas quando estamos com a mente desocupada, o vazio deixado pela outra metade entra em cena.

4 O AMOR ROMÂNTICO

A busca pela plenitude, sentido de vida e êxtase se dá pelo pensamento do amor romântico em nós enraizado, como pensa Johnson (1987), pois, para esse autor, estamos habituados a conviver com as ideias e crenças do amor romântico, portanto, o consideramos e vemos como a forma única de amor que possa gerar um relacionamento verdadeiro.

O amor romântico não significa apenas amar alguém; significa “estar apaixonado”. Este é um fenômeno psicológico muito peculiar. Quando estamos “apaixonados”, acreditamos ter encontrado o verdadeiro sentido da vida revelado num outro ser humano. Sentimos que finalmente nos completamos, que encontramos as partes que nos faltavam. A vida, de repente, parece ter atingido uma plenitude, uma vibração sobre humana, que nos ergue acima do plano comum da existência. Para nós, estes são os sinais seguros do “amor verdadeiro” (JOHNSON 1987, p.14).

Ao considerar em sua obra *“Amor romântico: isto existe?”*, Geruza (2010, p.37), diferencia “o amor apaixonado do amor romântico”, afirmando que neste “predomina o amor sublime em vez do fogo sexual”, embora também abranja a sexualidade; portanto, no amor romântico são as qualidades de caráter que prevalecem distinguindo a outra pessoa como especial, já o amor apaixonado inclui as compulsões sexuais-eróticas, onde a emoção se sobressai da razão. Por esta razão o amor sublime e racional provoca em nós a temível possibilidade da perda do amado, confirmando o que Gikovate (2006, p.11) relata ao falar que “o amor romântico é, talvez, o modo mais ciumento e possessivo de amar, apesar de ser uma adorável

experiência e um ótimo remédio – paliativo – para nossa condição de desamparados”, pois, por sermos sedentos pela completude e pelo amparo, necessitamos nos sentir constantemente apoderados do outro para que a insegurança seja em parte substituída pela segurança no relacionamento.

Antigamente, em um relacionamento conjugal não havia sentimento amoroso, muito menos escolhas próprias, o parceiro era escolhido pelos pais conforme sua condição financeira e o histórico familiar. Pouco se falava no amor, este só surgiu e foi levado em conta muito depois, e em meio a isto veio a possibilidade de escolha do par, sendo “o amor romântico, mais do que nunca, considerado a única base legítima para o casamento” (ARATANGY, 2009, p.58). Portanto, esta concepção nos traz uma maior responsabilidade na escolha do parceiro, aumentando o peso sobre os casais, pois estes possuem a esperança de que na relação conjugal todos os seus sonhos e fantasias sejam realizados. Mas essa idealização da relação conjugal é exatamente uma das portas de entrada para muitas frustrações (ARATANGY, 2009) da vida a dois, composta de pessoas e situações com suas falhas, especialmente porque o amor romântico, associado à auto-realização e à autonomia, afasta os indivíduos das relações familiares e sociais, assim, estabelecendo com mais clareza a esfera do relacionamento conjugal (GIDDENS 1992), que passa a ser mais priorizado e valorizado, desnudando o vazio existente, por vezes desconhecido, que não pode ser preenchido por este ser que veio para somar, para transformar o indivíduo fragmentado em indivíduo “inteiro”.

5 INDIVIDUALIDADE NA CONJUGALIDADE

Os primeiros passos para uma família ocorrem quando um casal se escolhe e decide se relacionar, entretanto para entender esta família, faz-se necessário ir além da escolha do casal, ampliando o olhar para o casal de pais dos parceiros, para se compreender melhor a formação conjugal. Inevitavelmente há um elenco de pessoas e de relações por trás das nossas ações e decisões quanto a escolha do parceiro, porém precisamos assumir essa responsabilidade como nossa, visto que “o processo de escolha amorosa influencia e é influenciado pela família de origem” (CARRASCO, 2003, p. 45).

Tornar-se parceiro de outro pode parecer embaraçoso, pois é ser dois sendo um, visto que um casal comporta duas histórias de vida, dois desejos, dois projetos de vida, duas inserções e percepções do mundo, diferentes costumes advindos da família de origem que, na relação amorosa, convivem com uma conjugalidade. Esta por sua vez, se refere a vida a dois, a convivência entre duas pessoas que se relacionam e compartilham sua individualidade. Tal conjugalidade é resultado de uma nova identidade formada por ambos, que define a existência conjugal e determina seus limites, e também diz respeito ao projeto de vida conjugal, ao desejo conjunto e a história de vida do casal. Com base nesta visão, Caillé (1991), afirma que no casamento um e um são três, ou seja, duas individualidades e uma conjugalidade. Diante disto, identifica-se que existem casais que vivem mais a individualidade, casais que vivem mais a conjugalidade e tem os que com sabedoria conseguem equilibrar os dois extremos.

A efetivação de um processo de individualização e de separação que se inicia no seio da família de origem, é, para cada membro de um casal, a representação do casamento (CARTER e MCGOLDRICK, 1995), no qual se solidifica, enquanto subsistema casal, ao buscarmos maior aproximação com o outro e nos debruçarmos diante de uma nova identidade familiar, composta pela fusão de duas histórias familiares, e, conseqüentemente nos afastarmos de nossa família de origem. Portanto, existe na formação de um casal, um dilema básico revelado quando os cônjuges se conscientizam que precisam dispensar determinados laços no sistema familiar de origem e, concomitante a isso, criar outros. Segundo a afirmativa dos autores Nagy, Spark (1983) e Costa (1997), o casal vive o conflito entre a lealdade à família constituída e à sua família de origem.

Com isso, uma das características do casamento é a transformação de uma união que antes era privada, para a união formal de dois sistemas complexos, pois, “a escolha conjugal é o ponto de intersecção de duas histórias familiares, onde presente e futuro são baseados em expectativas e exigências de gerações precedentes” (CARRASCO, 2003, p. 49). A capacidade de cada membro negociar a transição para a condição de casal está plenamente interligada aos padrões familiares (MCGOLDRICK, 1989). Portanto, entende-se que as questões mal resolvidas de um parceiro com sua própria família, possivelmente será um fator importante na escolha

conjugal, interferindo também no estabelecimento de um equilíbrio conjugal, como pode ser exemplo, se um rapaz possui uma família disfuncional, provavelmente ele irá buscar uma garota que tenha uma família funcional e saudável, no intuito de tapar um buraco existente em sua família de origem. Portanto, as famílias de origem com experiências mal resolvidas possivelmente levam para a parceria, a difícil individualidade; já os indivíduos de famílias de origem bem resolvidas, levam a individualidade, singularidade e autonomia.

Ainda que atualmente o casamento tenha se tornado uma relação mais flexível e descartável, percebe-se que muitos ainda procuram sua “alma gêmea”, vivem em busca da sua outra metade e depositam neste outro ser todas as suas expectativas de uma vida melhor e mais plena. No entanto, ao se iniciar um relacionamento com essa perspectiva, nota-se que, devido à tamanha expectativa, há muito investimento na conjugalidade, e a individualidade, por sua vez, termina ficando esquecida.

Esse investimento na conjugalidade também é justificado quando, segundo Aratangy (2009), retrocedemos ao início de tudo e refletimos sobre o fato de o bebê humano nascer prematuro - pois ainda não está pronto para enfrentar o mundo, o que implica em um período de absoluta dependência do outro. Na visão biológica entendemos ser necessária tal antecipação do nascimento, visto que é preciso que haja um espaço não calcificado em sua parte superior da calota craniana para que o bebê possa passar pelo estreito canal do parto. Portanto, a demanda da dependência se torna para nós uma linguagem de afeto, que nos faz muitas vezes associar o “depende” com o “amar”.

É na adolescência que o jovem testifica até que ponto essas duas palavras (depende e amar) estão interligadas e se é possível ser amado mesmo quando se é independente, pois esta é a fase em que o jovem busca sua independência e experimenta novas aventuras, com isso, atenua-se as divergências e surge o confronto, prossegue Aratangy (2009). Se o retorno desse movimento for negativo, certamente o jovem terá dificuldade em uma relação amorosa futura, pois como diz a autora, ele subentende que para manter o afeto dos pais ele terá que abrir mão de seus desejos/ideias, e carregará isso para os vínculos que formar quando adulto, se anulando por conta de uma relação; ou para não perder a liberdade tenta ao máximo fugir de uma entrega amorosa.

Por isso é importante em uma relação amorosa, analisarmos como foi a relação daquela pessoa com os pais enquanto bebê-criança-adolescente, pois estas nossas vivências demarcam nosso comportamento frente a um relacionamento. Costa e Katz (1992, p.27) falam que mesmo um casamento bem sucedido nunca deixará de representar uma tentativa de repetição de experiências e conflitos infantis, o que é reafirmado por Carrasco (2003), quando reafirma que a família exerce influências sobre o relacionamento do casal, pois dela são perpassadas atitudes, expectativas, conceitos funcionais e disfuncionais desempenhados pelos filhos em suas experiências pessoais.

A grande maioria de nós conhece uma ou duas pessoas que abriram mão da sua individualidade, seus gostos, desejos, amigos e até familiares em prol de um relacionamento. Tudo isso para além de agradar o parceiro, segurá-lo na relação, e, como diz Aratangy (2009), para conseqüentemente nos sentirmos amados e prolongarmos a fantasia de completude, de que o outro é a nossa tão buscada “alma gêmea”.

De modo geral, essas renúncias costumam ser unilaterais, ou seja, o companheiro continua a desenvolver seus próprios interesses e gostos, enquanto o outro se anula para realizar os desejos do parceiro. Essa é uma dinâmica que instala uma assimetria no relacionamento, afetando-o. Na maioria das vezes a renúncia é feita pelas mulheres, pois ainda que a mulher tenha conquistado reconhecimento e espaço, nossa cultura favorece que ela viva em função da vida do marido (ARATANGY, 2009).

Há casais que terminam o relacionamento, pois se vêm casado com uma pessoa completamente diferente daquela que havia se apaixonado. No caso, ao anular sua individualidade (vida própria, interesses e amigos), anula-se também o encanto que o parceiro tinha pela mesma, pois ele se depara com uma pessoa sem vida própria, sem identidade, e então, ele já não sabe mais com quem está casado. Aratangy (2009, p.141) diz que “quem abdica de seu reino para seguir o outro perde os atributos pelos quais se fazia reconhecer e amar”. Por esta razão, Mattos (2014), pontua que é plausível e até mesmo indicado, que haja parceria e complementaridade no relacionamento, que este seja formado a partir da individualidade de ambos, e não apenas a partir das características pessoais de apenas um.

Em contrapartida, também existem casais nos quais ambos os parceiros investem demasiadamente na relação, e numa tentativa de confirmar

o mito de que são feitos um para o outro, tendem a negar as diferenças e a valorizar e reforçar as afinidades. Segundo Aratanga (2009, p.99), isto se chama “síndrome do juntismo”, pois funciona somente em ordem unida: os parceiros expressam sempre os mesmos desejos e interesses, incapazes de tolerar qualquer divergência de gostos ou opiniões”. Porém, dentro da relação amorosa é importante que haja o equilíbrio para que as pessoas possam verdadeiramente ser felizes e para que o relacionamento não se desgaste.

Quando se tem muita expectativa no outro, em ser completado, percebe-se que há total dedicação ao relacionamento para que este perdure juntamente a sensação de completude. Porém, junto à dedicação extrema da conjugalidade, surge o ciúme, que é justamente o medo de perder o outro e retornar a insuportável condição de metade. De acordo com Gikovate (2006), as pessoas que sentem ciúme com mais frequência, não são, como regra, as que mais intensamente amam, mas as que mais temem perder o parceiro. Neste caso, a paz fica ligeiramente comprometida por este medo, pois parece impossível viver sem este outro. As pessoas esquecem que antes tinham vida, e que sem o amado com certeza ainda a terá. Aratanga (2009, p.86) diz que “a dor pela ruptura do vínculo amoroso, soma-se a dificuldade em abdicar da crença numa relação idealizada, em que cada parceiro se imaginava capaz de suprir todos os desejos e necessidades do outro”.

Muitas são as definições de ciúmes, porém todas elas carregam os mesmos elementos, sendo estes: uma reação frente a uma suposta ameaça percebida, uma reação que visa exterminar os riscos da perda do amado e a possibilidade de haver um rival real ou imaginário. Ferreira-Santos (2003), em sua obra “*Ciúme: o medo da perda*” define o ciúme como um sentimento de apreensão que alimentamos, relacionado à possibilidade de sermos menosprezados, rejeitados, abandonados, esquecidos ou de haver uma infidelidade na relação. Com ele vem o medo da solidão por conta do abandono, e o receio de não sermos mais amados e importantes, de não possuímos ou sermos donos de alguém. Para Rosset (2004) ele é compreendido como uma série de emoções provocadas por sentimentos de amedrontamento, que colocam em prova a estabilidade e qualidade de um relacionamento. O autor prossegue relatando, que uma relação saudável e leve é aquela em que cada indivíduo tem a sua própria identidade e deseja fazer o bem à pessoa amada, fazê-la feliz, sem com isso esperar recompensa.

Reforçando toda essa exigência de completude individual, na vida de conjugalidade, a sociedade exige sempre que nos casemos e que tenhamos filhos. Isso se dá, tanto na população como um todo como nas famílias individualmente. É o que sempre percebemos quando um indivíduo se encontra com a família e é questionado pelos tios (as), avôs (ós) sobre um namorado ou quando irá casar. Desse modo, além da necessidade de se cumprir esta meta imposta pela sociedade e pelos familiares, o indivíduo também se cobra quanto a isso devido sua necessidade de “completude”, levando mesmo alguns casais a se sentirem na obrigação de mostrar que possuem um relacionamento maravilhoso, de exibir uma imagem de perfeição, como se precisasse provar a todos que foram capazes de construir um casamento sólido e feliz; e atualmente, nessa sociedade líquida e das relações virtuais, passarem o tempo postando fotos e declarações como dois pombinhos que vivem felizes e aproveitam a vida (ARATANGY, 2009). Mas, por outro lado, há casais que fazem isto para provar para si, e principalmente para o parceiro, que a relação vai bem e que de fato nasceram um para o outro, tudo isso para que a fantasia criada não venha a ser destruída e a suposta incompletude não ressurja.

A felicidade conjugal e a harmonia da família tornaram-se atestados de que o parceiro foi bem escolhido e de que o casal é suficientemente sábio e amadurecido para conservar o vínculo. Surge daí uma ansiedade nova: marido e mulher procuram demonstrar ao mundo o sucesso da relação, por meio de provas materiais e simbólicas: a casa bonita e sempre em ordem, os filhos bem vestidos e com boas notas [...], provando ser uma boa companhia para si mesmo, e certamente mais interessante ainda para os outros (ARATANGY, 2009, p.23; 101).

Entretanto é interessante que cada um de nós identifique características e gostos que dizem respeito a nós mesmos, e que venhamos a praticá-las seja enquanto solteiros ou casados, pois, uma individualidade bem vivida acarreta uma conjugalidade mais leve e prazerosa.

Certamente é importante que haja qualidade em todas as relações pessoais, mas especialmente na relação do casal – relações casal/família da esposa, relações casal/família do marido, relação casal entre si, de forma

equilibrada, para que não haja no casamento afastamentos antes importantes para cada ser, trazendo desconforto para um dos parceiros, ou para ambos. Obviamente, como afirma Singly (1993), enquanto for prazerosa e “útil” para os cônjuges, a relação conjugal se manterá, portanto, é interessante prezar pelo equilíbrio das relações, visto que valorizar os espaços individuais significa, muitas vezes, fragilizar os espaços conjugais, assim como fortalecer a conjugalidade demanda, quase sempre, ceder diante das individualidades.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa bibliográfica realizada neste trabalho nos faz compreender que os parceiros que carregam consigo a fantasia de completude, predestinação e perfeição, registradas na lembrança do modelo primordial (criação do homem, mito da alma gêmea e simbiose mãe-bebê), nos filmes e desenhos assistidos quando criança, possivelmente viverão um relacionamento regado de insegurança e frustração, pois dentro da realidade, sabemos que somos humanos, logo, somos falhos, então, dentro de um relacionamento de pessoas falhas, este não poderá ser diferente. A fantasia de completude nos leva a acreditar que há uma cara metade, um ser que nasceu especialmente para cada um de nós, e ao andarmos sobre essa fantasia, esperamos que o relacionamento seja perfeito, sem conflitos e dificuldades, mas ao nos depararmos com o primeiro problema, devido a fantasia, não conseguimos ser resilientes e vivemos de frustração, ou sofrendo pela realidade diferente da imaginada, ou nos anulando para fazer a vontade do outro e não correr o risco de ter que declarar diante da sociedade e para si mesmo, o insucesso da tão sonhada conjugalidade.

Com base nas leituras, compreende-se que a busca incessante pela cara metade e a expectativa posta nela, provavelmente levará o casal a investir demasiadamente na conjugalidade, o que, por sua vez, levará a dependência e ao ciúme, devido ao medo da perda do grande amado. É necessário, portanto, que o casal abra mão da tal idealização impregnada em suas mentes para que não sejam condenados a sofrer, e que assim haja o equilíbrio entre os dois pólos individualidade/conjugalidade, para que dessa forma na relação não se perca o sentido da união e nem a identidade própria de cada membro, na qual o parceiro fora atraído.

A conjugalidade precisa ser o resultado da soma de talentos, habilidades, gostos e forças do casal, pois ela deve corresponder a duas vidas, a duas histórias e particularidades, e não apenas a uma. É importante que os parceiros tenham conhecimento da sua incompletude e a assumam ao lado de outra incompletude, reconhecendo que isto faz parte da experiência amorosa, para então viverem sem totais expectativas, e evitarem acusações e frustrações quando, no meio da caminhada a dois, ainda perceberem um vazio e insatisfação. Com isso, o caminho ideal para a felicidade de um casal seria primeiramente o da mudança interna, ou seja, da conscientização de que devemos olhar para o outro conforme o que ele realmente é, e não como nosso eu deseja que ele seja, pois assim o casal se tornará resiliente diante das dificuldades e construirá juntos maneiras de vivificar a relação conjugal.

Vale ressaltar que a frustração não pode ser inibida de nossas vidas, não conseguiríamos viver sem ela, pois ela é parte integrante de nossa vida, portanto, nossa essência humana não pode ser completa, até por que se vivêssemos em constante plenitude nossa vida se assemelharia com a morte, ou seja, sem movimentos que geram ações e reflexões; porém a condição de estar vivo implica em constantemente modificar-se, sendo o eu de hoje diferente do eu de ontem, configurando a cada vivência novos cenários.

7 REFERÊNCIAS

ARATANGY, L. **O anel que tu me deste**: o casamento no divã. São Paulo: Ed. Primavera, 2009.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia da Mulher**: leitura, devocional e estudo. Tradução de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009. cap.2: O livro de Gênesis; cap.5: O livro de Efésios.

CAILLE, Philippe. **Um e um são três**: o casal se auto revela. São Paulo: Ed. Summus, 1994.

CARRASCO, L.K. **Por que casamos, com quem casamos?** Porto Alegre: EdPUCRs, 2003.

- CARTER, B. e MCGOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar:** uma estrutura para a terapia familiar. Porto Alegre. Artes Médicas, 1995.
- CIRILLO, Jean. **O mito da alma gêmea.** Trad. Silvia Pomanti. São Paulo: Ed. Gente, 2014.
- COSTA, P. G., KATZ, G. **Dinâmica das relações conjugais.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.
- DOWLING, Colette. **Complexo de Cinderela.** Trad. Amarylis Eugênia F. Miazzi. 43. ed. São Paulo, 1981.
- FERREIRA-SANTOS, E. **Ciúme:** o medo da perda. São Paulo: Claridade, 2003.
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala:** formação da família brasileira sob o regime de economia rural. 25. ed. Rio de Janeiro: Jorge Olympio, 1987.
- FROMM, Erich. **A arte de amar.** Tradução de Milton Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 1990.
- GERUZA, S. **Amor romântico: isto existe?** do mito a realidade pós-moderna. São Paulo: Ed. Fonte, 2010.
- GIDDENS, A. **A Transformação da intimidade:** sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo, UNESP, 1992.
- GIKOVATE, Flávio. **Ensaio sobre o amor e a solidão.** 6. ed. São Paulo: Ed.MG, 2006.
- GIKOVATE, Flávio. **Uma história de amor...com final feliz.** São Paulo: Ed. MG, 2008.
- JOHNSON, Robert A. **WE: a chave da psicologia do amor romântico.** São Paulo: Mercuryo, 1987.

MATTOS, Frederico. **Relacionamento para leigos**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2014.

NAGY, I. B. e SPARK G. M., **Lealdades invisibles**. Buenos Aires. Amorrortu, 1983.

NOVASKI, Augusto. Mito e racionalidade filosófica. In: MORAIS, Regis (Org.). **As razões do mito**. Campinas, SP: Papirus, 1988. p.93.

PLATÃO. **O banquete**. 5. ed. Trad. José Cavalcante de Souza. Rio de Janeiro: Ed. Nova Cultura, 1991.

RODRIGUES, Maria das Graças Alves; LEITE, Maria do Rosário Silva; FREITAS, Mauriene Silva de. O estudo etnográfico do discurso adolescente: em busca do príncipe encantado contemporâneo sob o olhar de Stephenie Meyer. In: **Anais do II Colóquio da Pós-Graduação em Letras** (Faculdade de Ciências e Letras de Assis) Universidade Estadual Paulista, Assis, São Paulo, 2010. p. 782.

ROSSET, S. M. **O casal nosso de cada dia**. Curitiba: Sol, 2004.

SIMMEL, Georg. **Filosofia do amor**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SINGLY, F. **Sociologie de la famille contemporaine**. Paris: Nathan, 1993.

WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. Organização e Introdução de H. H. Gerth e C. W. Mills. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1974.